

MANUELA CARNEIRO DA CUNHA (ORG.)
FRANCISCO M. SALZANO
NIÉDE GUIDON
ANNA CURTENIUS ROOSEVELT
GREG URBAN
BERTA G. RIBEIRO
LUCIA H. VAN VELTHEM
BEATRIZ PERRONE-MOISÉS
ANTÔNIO CARLOS DE SOUZA LIMA
ANTÔNIO PORRO
FRANCE-MARIE RENARD-CASEVITZ
ANNE CHRISTINE TAYLOR
PHILIPPE ERIKSON
ROBIN M. WRIGHT
NÁDIA FARAGE
PAULO SANTILLI
MIGUEL A. MENÉNDEZ
MARTA ROSA AMOROSO
TERENCE TURNER
BRUNA FRANCHETTO
ARACY LOPES DA SILVA
CARLOS FAUSTO
MARY KARASCH
MARIA HILDA B. PARAÍSO
BEATRIZ G. DANTAS
JOSÉ AUGUSTO L. SAMPAIO
MARIA ROSÁRIO G. DE CARVALHO
SILVIA M. SCHMUZIGER CARVALHO
JOHN MANUEL MONTEIRO
SONIA FERRARO DORTA

HISTÓRIA DOS ÍNDIOS NO BRASIL

2ª edição

FAPESP
FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA
DO ESTADO DE SÃO PAULO


COMPANHIA DAS LETRAS

SMC
SECRETARIA
MUNICIPAL DE CULTURA
INSTITUTO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

Copyright © 1992 by os Autores

Projeto editorial:
NÚCLEO DE HISTÓRIA INDÍGENA E DO INDIGENISMO

Capa e projeto gráfico:
Moema Cavalcanti

Assistência editorial:
Marta Rosa Amoroso

Edição de texto:
Otacílio Fernando Nunes Jr.

Mapas:
Alicia Rolla
Tuca Capelossi

Mapa das etnias:
Clarice Cohn
Edmundo Peggion

Índices:
Beatriz Perrone-Moisés
Clarice Cohn
Edgar Theodoro da Cunha
Edmundo Peggion
Sandra Cristina da Silva

Pesquisa iconográfica:
Manuela Carneiro da Cunha
Marta Rosa Amoroso
Oscar Calávia Saéz
Beatriz Calderari de Miranda

Revisão:
Carmen Simões da Costa
Eliana Antonioli

1ª edição 1992

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

História dos índios no Brasil / organização Manuela Carneiro da Cunha. — São Paulo : Companhia das Letras : Secretaria Municipal de Cultura : FAPESP, 1992

Bibliografia.
ISBN 85-7164-260-5

1. Índios da América do Sul — Brasil — História I.
Cunha, Manuela Carneiro da.

92-1393

CDD-980.41

Índices para catálogo sistemático:

I. Brasil : Índios : História 980.41

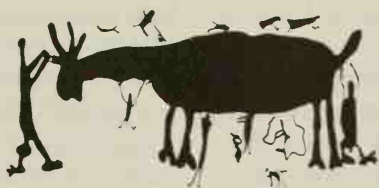
1998

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 72
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (011) 866-0801
Fax: (011) 866-0814
e-mail: coletras@mtecnetsp.com.br

AL BR

F2519
.H57
1998x

AS OCUPAÇÕES PRÉ-HISTÓRICAS DO BRASIL (EXCETUANDO A AMAZÔNIA)



Niède Guidon

Ainda hoje é impossível fornecer um quadro sintético coerente da pré-história brasileira.

As causas dessa impossibilidade remontam às origens e ao desenvolvimento dessa disciplina no país. Seu ponto de partida são trabalhos de amadores, estudiosos das antiguidades, colecionadores, que forneceram as primeiras explicações sobre o passado pré-histórico do Brasil, e que foram tomadas como uma primeira referência. Como é natural, seus interesses e procedimentos de trabalho distam muito dos praticados em uma disciplina científica. Arqueólogos estrangeiros participaram também da implantação dessa disciplina, mediante a realização de suas próprias pesquisas, às quais integraram interessados na arqueologia para a realização de tarefas muito precisas, mas sem fornecer uma real formação sistemática.

Essa origem resultou em uma heterogeneidade no plano das contribuições, das finalidades da pesquisa arqueológica, das abordagens e dos métodos de trabalho. Porém, as primeiras classificações feitas sobre a cultura material — estudada de maneira fragmentada (cerâmica, lítico, registros rupestres) — são ainda hoje consideradas, apesar da diversidade dos critérios tipológicos utilizados. Vestígios materiais trabalhados de maneira isolada, classificações baseadas em diferentes critérios de divisão, sistemas de coleta sem registro são alguns dos procedimentos das primeiras explicações sobre a pré-história brasileira.

Nesse contexto, existem alguns autores que apresentaram propostas de sínteses sobre a pré-história do país, mas nenhuma delas é satisfatória. Analisadas em detalhe, é possível verificar nelas a existência de contradições e a falta de embasamento fático para muitas afirmações. Essa situação deve-se fundamentalmente à falta de um contexto teórico que determine certas exigências de método, possibilitando combinar em uma síntese resultados e informações de uma mesma qualidade.

A falta de construção científica é tendência dominante. São mantidos modelos propostos há décadas, sem que os mesmos tenham sido adaptados às novas correntes e às descobertas mais recentes.

CAÇADORES-COLETORES DO PLEISTOCENO

Uma fração da comunidade científica é, atualmente, reticente a aceitar o fato de que o Homem penetrou no continente americano há mais de 30 mil anos, já que sua chegada à América do Sul não poderia ser mais antiga do que 12 mil anos. Esse ceticismo resulta de uma posição em favor de uma linha explicativa proposta na década de 50. Segundo tal teoria as migrações pré-históricas somente poderiam ser feitas por terra. Assim, para povoar a América o Homem teria passado da Ásia, através da Beríngia, para o Alasca. Essa passagem seria possível em momentos em que o mar tivesse alcançado cotas mais baixas que a atual, deixando a descoberto a vasta planície que constitui o fundo do mar de Bering.

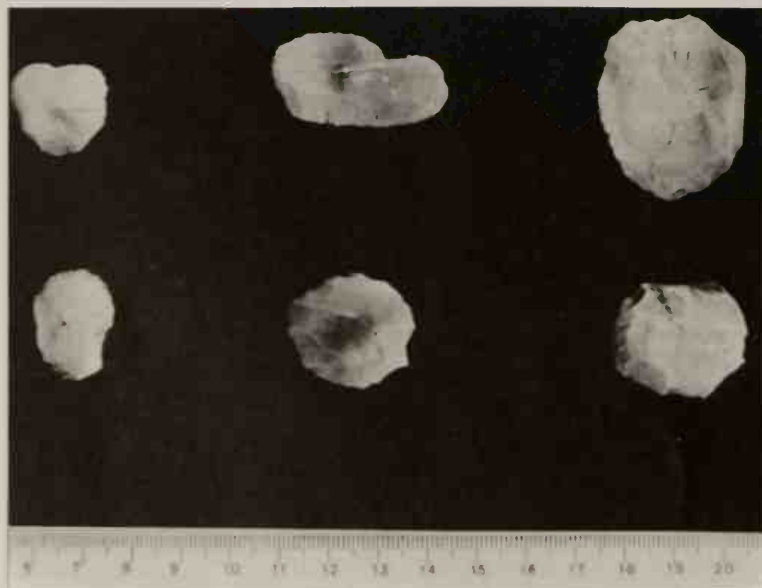


Esses grupos teriam ficado no Alasca até que o degelo permitisse que descessem para o sul da América do Norte e daí para a América Central e a do Sul. Por essa suposição axiomática toda datação da presença humana no continente americano deve ser mais antiga no hemisfério Norte e, portanto, qualquer datação mais antiga do que a data limite dos 12 mil anos não pode ser válida para a América do Sul.

Porém existem fatos, descobertas e pesquisas que estão acumulando uma importante base de dados que permite afirmar que o continente sul-americano foi povoado antes, ou ao mesmo tempo que o norte-americano. Como é possível tal situação e como podemos explicá-la?

Quando da elaboração da velha teoria sobre o povoamento da América os conhecimentos disponíveis sobre os homens pré-históricos eram mais limitados e sofriam do preconceito de que o Homem de Cro-Magnon, o primeiro de nossa espécie, teria aparecido há apenas 35 mil-40 mil anos e que seria um ser meio macaco, meio homem. Suas capacidades intelectuais eram portanto muito mais reduzidas e sua tecnologia não poderia alcançar mais do que um determinado desenvolvimento. Hoje o avanço da paleontologia humana recuou de muito a data de aparição do primeiro *Homo sapiens* e as técnicas de moldagem do endocrânio permitem afirmar que a estrutura cerebral era a mesma. Ninguém mais acredita no mito do Cro-Magnon peludo e meio cur-

Instrumentos de pedra lascada (raspadores de quartzo). Santana do Riacho (entre 7000 e 8000 AP).



vado, com uma face de gorila deslumbrado por estar conseguindo se manter de pé. Sabe-se que o Homem é o único animal terrestre que conseguiu se dispersar por todo o mundo. Sua presença é antiga em todos os continentes, até na Austrália. O exemplo desse país é edificante. Até os anos 70 não se admitia que o Homem aí tivesse penetrado antes de 7 mil anos, pois esse continente, durante todo o Pleistoceno e o Holoceno, nunca foi ligado à Ásia. Mesmo em épocas de nível baixo do mar, mesmo na cota mais baixa atingida pelos oceanos, existem braços de mar que separam a Austrália da Ásia. Com o progresso das pesquisas foram descobertos sítios que demonstraram que o Homem já estava na Austrália há pelo menos 50 mil anos, o que nos obriga a admitir que o Homem pré-histórico dominava a técnica da navegação.

O pressuposto de que o Homem teria vindo unicamente a pé, atravessando a Beríngia atrás dos rebanhos de animais que migravam, não faz justiça à capacidade intelectual humana, reduzindo o Homem americano a um descendente de um animal não mais capaz que os camelos, mastodontes e bisões que migravam para a América.

Para migrar através da Beríngia os grupos humanos teriam tido que se adaptar ao frio intenso que reinava nessa planície gelada. Seria mais fácil criar uma tecnologia para o frio do que uma para navegar? Além do mais, durante épocas de mar baixo, os rosários de ilhas que existem no Pacífico deviam ser mais extensos, o que facilitaria a navegação de grupos que avançariam colonizando ilha por ilha. Não propomos um modelo de navegadores partindo, tal Colombo, à procura de novas terras, mas nada impede de pensar na existência de pequenas embarcações para navegação costeira que poderiam, por causas naturais como tufões ou tempestades, se desgarrar e ir dar a uma ilha. O grupo povoaria a ilha e aí viveria durante séculos ou milênios até que um novo acidente o levasse um pouco mais adiante. Poderíamos imaginar grupos dissidentes que migrariam ou também movimentos messiânicos. A gama de modelos permitida pela capacidade do cérebro do *Homo sapiens* é tal que é frustrante continuarmos fechados dentro da solução única de um bando correndo atrás da caça através de toda a Beríngia e do Alasca à Terra do Fogo.

A descoberta no Piauí do *Ancilostoma duodenalis* (Ferreira, Araújo e Confalonieri, 1988), parasita intestinal do Homem que exige determinada temperatura para que a larva possa se desenvolver e se tornar infestante, demonstra que tudo deve ser repensado, e novos modelos devem ser propostos. Esse achado tem uma data comprovada de 7750 anos antes do presente (AP). Uma população vinda por Bering não teria podido trazer o parasita até a América porque o mesmo teria desaparecido durante a passagem pela Beríngia e o Alasca. A menos que se admita que tal passagem se fez muito rapidamente, em uma só geração. A existência do parasita no Piauí há mais de 7 mil anos demonstra que um povo vindo de um país quente, por rotas de clima quente, portanto vias marítimas, chegou até aí nessa data. Calculando a distância que separa São Raimundo Nonato, o local do achado, do mar podemos propor que esses grupos navegavam até à América entre 9 mil-10 mil anos, no mínimo.

Refletimos sobre diversas possibilidades, e hoje é válido propor como hipótese de trabalho que diversos grupos humanos chegaram à América, por diferentes vias de acesso, tanto marítimas como terrestres. Pode-se também propor que os primeiros grupos chegaram até o continente há pelo menos 70 mil anos.

Os sítios nos quais foram encontrados vestígios datados do Pleistoceno final são raros na América, mas no Brasil temos alguns para os quais a quantidade e a qualidade dos vestígios encontrados e o número de datações ^{14}C obtidas são excepcionais e nos permitem afirmar que o Homem colonizou as terras do continente bem antes da data admitida pela teoria clássica.

Na região de Central, na Bahia, Maria C. M. C. Beltrão indica a existência de ossos fossilizados de animais da megafauna que teriam marcas feitas pelo homem e que forneceram datações da ordem de 300 mil anos AP. Tais datações, feitas por uma técnica que considera outros elementos que não o carbono radioativo, têm uma importante margem de erro, o que tem levado certos autores a não aceitar tais resultados. Considerando o enorme hiato que separa essas datações das outras obtidas no mesmo sítio e das de outros sítios pleistocênicos do Brasil, achamos prudente aguardar novos achados.

Em Minas Gerais existem indícios de presença humana no Pleistoceno. A Laming-Emperaire dirigiu, entre 1971 e 1976, escavações no abrigo Lapa Vermelha IV, na região de Lagoa Santa em Minas Gerais, tendo obtido datações entre 25 mil e 12 mil anos (Laming-Emperaire, 1979). Os sedimentos desse abrigo estavam parcialmente perturbados, o que resultou em uma inversão das camadas, e também a escavação não foi terminada. Mesmo assim algumas lascas e raspadores mais antigos do que 15300 anos foram seguramente encontrados (Prous, 1986). Não existiam estruturas e o número de peças líticas era pequeno.

O sítio de Alice Boër, perto de Rio Claro, no estado de São Paulo, forneceu uma datação de 14200 anos AP, associada a um raspador unifacial, uma lasca e duas pontas pedunculadas (Beltrão, 1966; Bryan e Beltrão, 1978; Hürt, 1986; Guidon e Delibrias, 1985). Segundo Beltrão (1982) o sítio conteria indústrias de 20 mil e 40 mil anos. Tratando-se de um sítio localizado em um terraço fluvial, parcialmente erodido, e não tendo sido encontradas estruturas, alguns autores não aceitaram sua colocação no Pleistoceno final; outros duvidam da origem antrópica das peças dos níveis inferiores.

Uma data da ordem de 43 mil anos obtida no Morro Furado (norte de Goiás) foi divulgada na imprensa (Barbosa, 1976), mas não confirmada. No Abrigo do Sol, Miller (1983) obteve uma datação de cerca de 12 mil anos AP, ligada a uma bela indústria de sílex e a gravuras rupestres da tradição *Itacoatiaras de Oeste*.

No sudeste do Piauí, na área arqueológica de São Raimundo Nonato, escavações e sondagens permitiram a descoberta de três sítios que forneceram amostras de carvão cujas datações ^{14}C mostram indubitáveis provas da presença humana durante o Pleistoceno final. As camadas pleistocênicas desses sítios forneceram vestígios de origem antrópica; são eles a Toca do Boqueirão do Sítio da Pedra Furada, a Toca do Sítio do Meio e a Toca do Caldeirão dos Rodrigues I. Os dois últimos foram unicamente sondados, ao passo que o primeiro foi objeto de uma ampla escavação que durou dez anos.

A Toca do Boqueirão do Sítio da Pedra Furada é um grande abrigo rochoso, situado no sopé da *cuesta* arenítica, fazendo face à planí-



cie pré-cambriana. A parede do fundo é coberta por mais de mil figuras pintadas, que são os resquícios de pinturas muito mais abundantes. Diferentes processos naturais de destruição causam descamações e quedas de blocos, tendo já destruído cerca de 40% das pinturas pré-históricas.

A inclinação do paredão, com 150 m de altura, cria um amplo espaço abrigado da chuva. O abrigo está a cerca de 19 m acima do nível do vale e domina do alto a desembocadura do boqueirão da Pedra Furada.

As escavações, iniciadas em 1978, demonstraram que o abrigo foi utilizado pelo homem pré-histórico, pelo menos desde há cerca de 50 mil anos (Guidon e Delibrias, 1986). As primeiras ocupações, reduzidas, utilizaram parte da base rochosa próxima à parede do fundo. O local era então protegido do vale por um amontoado de blocos caídos. À medida que o tempo passava a erosão fazia com que sedimentos desprendidos da parede, em curso de desagregação, cobrissem aos poucos os vestígios humanos que aí eram depositados de maneira intermitente. Desse modo formaram-se camadas que refletem quinze fases de ocupação, as quais podem ser agrupadas em três fases culturais: uma primeira, Pedra Furada, que compreende os grupos do Pleistoceno; a fase Serra Talhada, que corresponde às populações que freqüentaram o abrigo desde o início do Holoceno, de 12 mil anos atrás até cerca de -7 mil/-6 mil anos; e finalmente uma terceira, Agreste, que parece corresponder à chegada de um novo grupo à região.

Esse abrigo parece ter servido no início como um refúgio temporário, sendo o abastecimento de água garantido por um caldeirão de cerca de 7 mil litros de capacidade que se encontra no próprio sítio; subseqüentemente ele passou a servir como um sítio cerimonial caracterizado pela prática intensiva da pintura, por um uso intermitente e pelo trabalho ocasional de lascamento da pedra para obter ferramentas.

Durante a fase cultural mais antiga, Pedra Furada, foram construídos grandes fogões circulares graças à utilização de blocos caídos, arrumados de modo a circunscrever a fogueira. No interior desses fogões encontramos abundante quantidade de carvão. A indústria lítica se concentrava especialmente nas vizinhanças desses fogões; os homens pré-históricos lasca-

vam então seixos de quartzo e de quartzito, existentes nas vizinhanças do sítio. Os artefatos retocados intencionalmente constituem de 11% a 6,35% das peças no Pleistoceno (diminuindo no Holoceno). Durante a fase Pedra Furada o retoque é limitado unicamente às margens dos bordos; o tipo mais comum de ferramentas são os raspadores, de formas muito variadas. O conjunto de artefatos das camadas pleistocênicas é dicotômico: ao lado de peças maciças, grandes e pesadas (*core-tools* e *pebble-tools*), existe um conjunto menor de peças leves, feitas sobre lascas. As primeiras são usualmente relacionadas com a quebra de ossos enquanto as lascas são normalmente associadas com as atividades de cortar a caça e outros materiais (Toth, 1985). Fragmentos utilizados, com marcas de uso nos bordos, são os componentes mais comuns do complexo lítico Pedra Furada. Os subprodutos dessa indústria são, principalmente, lascas corticais e subcorticais (Guidon, Parenti e Pellerin, 1990).

A análise fina da coleção de peças líticas coletadas durante esses dez anos de escavação está em curso (F. Parenti) e seu resultado permitirá conhecer outros detalhes sobre a vida desses povos.

Os resultados das escavações permitem afirmar que esses grupos caçadores-coletores viviam explorando de maneira equilibrada as múltiplas potencialidades dos diversos ecossistemas da área. O relevo, a disposição das fontes de água, a riqueza da fauna (demonstrada pelas escavações de sítios paleontológicos) faziam dessa região, atualmente miserável e quase que inteiramente desprovida de caça, um local ideal para a instalação de grupos de economia extrativista e de tecnologia simples.

A pesquisa está em fase de coleta de dados visando um estudo detalhado dos padrões de ocupação do espaço e de manejo dos recursos naturais. O levantamento dos sítios ocupados pelas populações pleistocênicas, a identificação da função desses sítios, suas relações topográficas com os acidentes do relevo e as fontes de água permitirão uma análise da inter-relação entre o homem e o meio ambiente no primeiro período da aventura humana na região.

As primeiras manifestações de registros rupestres encontram-se em pedaços de parede caídos, nos quais se notam ainda leves man-



chas de pigmento vermelho (Pessis, 1987). Carvões recolhidos em fogões descobertos na mesma camada em que foram encontrados esses blocos puderam ser datados; assim sabemos que por volta de 32 mil anos atrás essas populações já aplicavam pigmentos sobre as paredes do abrigo. Um bloco, encontrado ao lado de um fogão datado de 17 mil anos, mostrava duas retas paralelas de pintura vermelha, sendo essa a primeira manifestação segura da prática da arte rupestre na área.

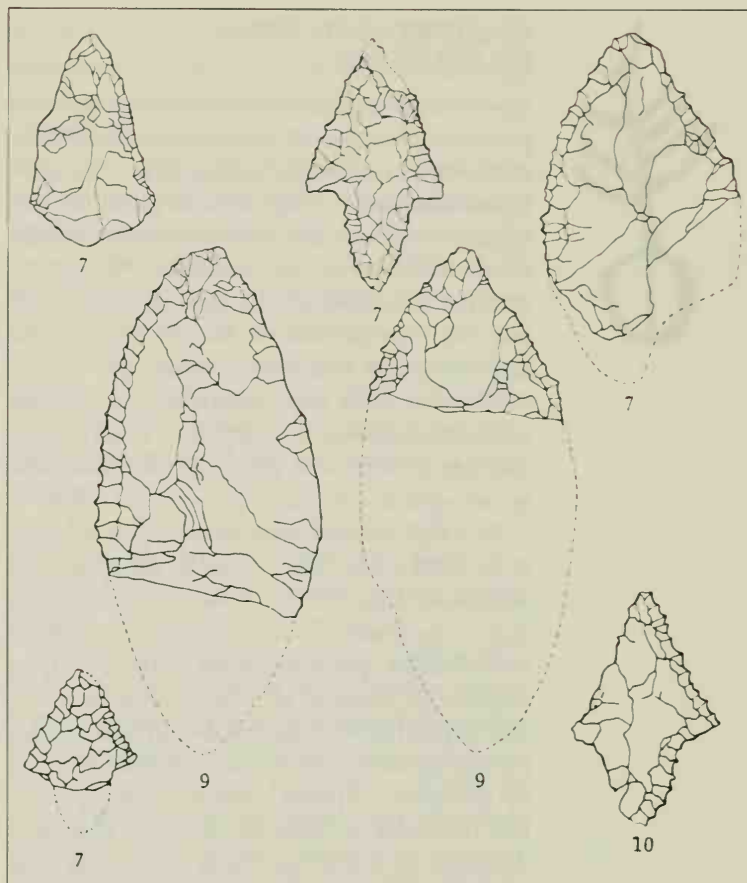
As sondagens praticadas nos dois outros sítios citados, Toca do Sítio do Meio e Toca do Caldeirão dos Rodrigues I, completam e confirmam essa seqüência cronocultural. Um conjunto de datas ^{14}C situa cronologicamente a fase Pedra Furada. As datações obtidas na Toca do Boqueirão do Sítio da Pedra Furada vão de 14 mil até 48 mil AP.

No Sítio do Meio as datações correspondentes à camadas do Pleistoceno vão de 12 mil a 14 mil AP.

Uma data pleistocênica de 18 600 anos AP foi obtida graças a amostras obtidas em uma pequena sondagem realizada na Toca do Caldeirão dos Rodrigues.

Considerando-se que até um metro abaixo da camada datada de 48 mil anos ainda havia material arqueológico, pode-se afirmar que a área arqueológica de São Raimundo Nonato foi ocupada pelo Homem desde há cerca de 60 mil anos. Os primeiros grupos parecem ter se instalado no sopé da *cueta*, mas foram encontrados vestígios de suas incursões no interior do sistema de *cañons* do relevo interno do maciço sedimentar. Na planície pré-cambriana aparecem vestígios de aldeias que podem ter sido o hábitat permanente desses povos.

Os grupos pleistocênicos desenvolveram-se muito lentamente, evoluindo *in situ*, parecendo não terem sido perturbados por invasões ou outras levas populacionais. Suas origens são completamente ignoradas e é urgente que uma pesquisa em nível regional seja realizada, para se obterem dados que permitam definir a direção da migração dessas etnias que descobriram e colonizaram a área. Somente então poder-se-ão levantar hipóteses sobre as origens dos grupos humanos mais antigos. Segundo uma das hipóteses de trabalho que orientam nosso programa, esses grupos pleistocênicos são os mesmos que perduraram na área até o início do Holoceno.



A evolução da tecnologia lítica, a existência de certos tipos de ferramentas que perduraram desde as primeiras ocupações até o Holoceno, a semelhança entre os tipos de fogões e a manutenção do mesmo modelo de ocupação de espaço intra-sítio fundamentam essa hipótese. Não se verificam mudanças bruscas, que caracterizariam a chegada de um novo grupo.

Em síntese pode-se admitir que, penetrando no país por uma via ainda desconhecida, grupos humanos chegaram até o sudeste do Piauí há cerca de 60 mil anos. O sul de Minas Gerais estaria povoado por volta de 30 mil anos atrás, e no Sul do Brasil grupos humanos estariam estabelecidos há pelo menos 15 mil anos. Deveremos encontrar sítios ainda mais antigos que os de São Raimundo Nonato nas regiões pelas quais entraram esses primeiros povoadores: Oeste, se optarmos por uma origem asiática, como parece indicar a indústria lítica dos sítios do Piauí, muito próxima das australianas e da de Choukoutien, sítio próximo a Pequim, ou Leste se escolhermos optar como via de penetração o oceano Atlântico.

Sítio Alice Boër. Pontas de flechas foliáceas e com pedúnculo (projéteis). A ponta com pedúnculo foi datada pelo método do ^{14}C em 14200 ± 1150 anos. Os números (de 7 a 10) referem-se ao nível arqueológico (7 corresponde a 60,7 cm; 10 corresponde a 90,1 cm).



CAÇADORES-COLETORES DO HOLOCENO

Apesar da abundância de sítios conhecidos não podemos propor uma síntese para o território nacional porque os dados disponíveis são muito fracionados. Até hoje a maior parte das publicações sobre a arqueologia brasileira trata essencialmente de sítios isolados. Mesmo sítios que se encontram em uma mesma região não são correlacionados. Não se pratica uma arqueologia de área, essencial para que se possa oferecer uma reconstituição coerente da evolução dos povos pré-históricos e sua dispersão, dando origem às diferentes famílias indígenas aqui encontradas pelo colonizador.

As raras sínteses propostas pecam pela falta de crítica dos dados considerados para sua realização. Elas não fazem face aos problemas, mas os ignoram e fornecem ao leitor uma reconstituição que nada mais é do que uma construção literária, sem bases científicas. Assim temos reconstituições do clima baseadas em extrapolações de teorias antigas, definição de tradições culturais, considerando parâmetros limitados ao invés de contextos globais, a definição de indústrias líticas pelos tipos mais bem trabalhados, bonitos e minoritários etc. Essas deficiências são discutidas em recente publicação (Guidon e Arnaud, 1991).

Assim, somente podemos oferecer uma série de informações, sem chegarmos a uma visão geral do povoamento holocênico do Brasil.

No período de transição entre o Pleistoceno e o Holoceno, por volta de 12 mil anos atrás, toda a América do Sul estava povoada, desde o ponto mais setentrional até a Terra do Fogo. O número de sítios é importante e no Brasil, a partir dessa época, dispomos de grande quantidade de informações e datações sobre os grupos pré-históricos.

Alguns autores dividem, sem entretanto indicar quais os critérios adotados, os grupos do Holoceno em Arcaico (entre 12 mil e 8500/8 mil anos AP) e Arcaico recente, que terminaria quando do aparecimento dos grupos agricultores e/ou ceramistas. Os resultados que obtivemos no sudeste do Piauí não nos permitem seguir essa divisão cronológica, pois desde há cerca de 11 mil anos vários grupos ocupam a região. A hegemonia desses grupos varia no tempo, o que resulta, em certos momentos, em um número mais importante de sítios de uma

dada etnia a qual em seguida declina e cede, em face da pressão de outro grupo, até então minoritário e marginal.

O HOLOCENO NO NORDESTE E NO PLANALTO CENTRAL

Na área arqueológica de São Raimundo Nonato os sítios representativos de ocupações mais recentes do que 12 mil anos AP são numerosos, principalmente os que se alinham dentro de uma faixa cronológica da ordem de 12 mil-7 mil anos AP. Isso demonstra o sucesso adaptativo das primeiras populações que chegaram à região, colonizaram-na, adaptaram sua economia e vida social às condições ambientais locais e conseguiram explorar com sucesso todos os ecossistemas, criando um sistema de vida equilibrado e próspero, o que podemos notar pelo estudo da tecnologia, mas sobretudo das pinturas rupestres dos grupos do Holoceno.

Um dos mais importantes sítios para o estudo dessas populações, que correspondem à fase cultural Serra Talhada, foi a Toca do Baião do Perna I, escavada durante os anos de 1987 e 1988. Uma sucessão de seis níveis mostra uma ocupação humana contínua, tendo o sítio servido de acampamento de maneira semipermanente desde há pelo menos cerca de 12 mil anos até 3500 anos atrás.

Uma grande quantidade de fogões caracterizava todos esses níveis. No solo, junto a eles, existia grande quantidade de pedra lascada e de vestígios da caça que aí foi assada: tatus, preás, mocós, aves, veados, roedores diversos. Restos de frutos e de folhas demonstravam a utilização de recursos vegetais; um fragmento de estipe de caule de carnaúba mostrou que o grau de umidade deveria ter sido mais importante, pois atualmente não existem carnaúbas no vale em questão; outra possível explicação seria que os homens pré-históricos o trouxeram de outra área.

A indústria lítica, de boa tecnologia, apresenta uma certa amplitude morfológica, com tipos variados, demonstrando que os grupos ocupantes do abrigo exerciam uma atividade diversificada no interior do mesmo. Lascas retocadas, raspadores de vários tipos, lesmas, facas, pontas, furadores, além de restos de lascamento (percutores, núcleos, lascas e fragmentos), constituem o essencial da coleção.

A descoberta mais importante feita nesse sítio foram dois painéis pintados, encontrados

cobertos pelas camadas arqueológicas; as figuras mais baixas desses painéis estavam no nível dos sedimentos da camada datada de -10500 anos, o que significa que essas figuras foram pintadas no mínimo nessa época. Como é pouco plausível que os homens pré-históricos se deitassem no solo para pintar, podemos levantar a hipótese de que essas figuras foram feitas pelos primeiros ocupantes do abrigo, há 12 mil anos. Essa hipótese é suportada pelo fato de que sob a fogueira datada de 10 500 anos foi encontrada outra estrutura de combustão, contendo carvões e restos de ocre da mesma cor das pinturas; pela espessura da camada que as separava e considerando a taxa média de deposição do sítio pode-se calcular que a fogueira inferior teria uma idade de 12 mil anos. As datações, em curso, testarão a hipótese.

Grande quantidade de pigmento vermelho e restos de parede caída portando figuras pintadas demonstram a prática constante de atividades picturais.

As camadas superiores da Toca do Boqueirão do Sítio da Pedra Furada forneceram abundantes vestígios ligados a grupos que aí viveram durante o Holoceno. Os registros gráficos e a indústria da pedra atingem o máximo da perfeição técnica e da diversificação por volta de 9 mil-8 mil anos atrás. Os povos holocênicos utilizavam não somente as rochas locais como matéria-prima, mas iam também procurar em áreas vizinhas ou mesmo distantes o sílex e a calcadônia, matérias extremamente favoráveis ao trabalho do lascamento. Uma das fontes de sílex para os povos Serra Talhada desse sítio encontra-se no Serrote do Sansão, afloramento calcário situado a cerca de 2 km do mesmo, mas outros tipos de sílex teriam sido coletados até à distância de 50 km. O sílex era levado para o sítio com aspecto de uma pré-forma de núcleo e existe uma evidente economia em sua utilização.

Todos os indícios convergem para o levantamento da hipótese de que os povos Serra Talhada nada mais são do que o resultado da evolução *in situ* dos grupos Pedra Furada; por essa razão os dois grupos sociais têm uma mesma origem cultural que chamamos tradição *Nordeste*. O número relativo de lascas do complexo lítico aumenta progressivamente durante o Pleistoceno, sendo moderadamente maior durante o Holoceno. Apesar dessa tendência,

mesmo na fase Serra Talhada a quantidade de trabalho investida no preparo das ferramentas líticas não é significativa. No que concerne ao tamanho das peças observa-se que existe uma tendência à diminuição quando se passa da fase Pedra Furada para a fase Serra Talhada; na tradição *Agreste* as peças líticas aumentam novamente de tamanho. Na fase Serra Talhada diminui o número de fragmentos utilizados; o aumento da taxa de lascamento, por sua vez, e o fato de se ter encontrado matéria-prima exógena lascada dentro dos sítios indicariam que os mesmos teriam sido acampamentos de uso mais prolongado do que durante o Pleistoceno.

A quantidade de fogueiras grandes existentes no Pleistoceno diminui no Holoceno, mantendo entretanto a mesma forma e composição.

A variedade tipológica é maior durante o Holoceno: perduram os *pebble-tools* e percutores, mas aparecem muitos tipos feitos sobre lascas: raspadores laterais e terminais, lesmas, lascas retocadas, facas, furadores, *raclettes*. As peças típicas de Serra Talhada são sobretudo as lesmas e um raspador lateral côncavo-convexo. Uma única ponta pedunculada, de cristal de quartzo, bifacial, de uma excelente técnica foi encontrada nas camadas de cerca de 7500 anos AP (Guidon, Parenti e Pellerin, 1990).

Nessa fase de máximo desenvolvimento, por volta de -8500/-8 mil anos, os fogões tornam-se mais abundantes e sua estrutura, mais diversificada. Encontramos grande quantidade de ocre nesse nível, o que indica que a prática rupestre deve ter sido uma atividade importante durante esse período.

Sondagens e coletas de superfície feitas em mais de vinte sítios demonstram a expansão notável desses povos do Holoceno, a riqueza e o equilíbrio dessa sociedade que dominava, praticamente só, toda a área. Algumas figuras desenhadas no interior dos painéis pintados por esses povos, de tradição *Nordeste*, mostram entretanto que já por volta de -10500 anos outros povos ocupavam os territórios vizinhos. O Holoceno corresponde portanto ao início do aumento demográfico, o que possivelmente gerou os primeiros atritos interétnicos e um aumento da pressão sobre os ecossistemas.

A base econômica continuava sendo a caça, a coleta e a pesca; as pinturas rupestres re-



tratam com detalhes a evolução socio cultural desses grupos durante pelo menos 6 mil anos, o que constitui um dos mais longos e importantes arquivos visuais sobre a Humanidade disponível, hoje, no mundo.

O clima parece ter mudado de maneira radical; os dados paleontológicos evidenciam a instalação do regime semi-árido e o desaparecimento dos grandes animais, sobretudo de animais que viviam em grupos. Atualmente estão sendo feitas as análises em laboratório das amostras coletadas, principalmente de pólen fóssil, para poder identificar de maneira precisa as mudanças na vegetação, que são em menor escala um excelente indicador das mudanças climáticas.

Pode-se entretanto supor que houve uma aridificação marcada, com modificação de uma grande parte dos recursos naturais. Isso teria tornado os ecossistemas mais frágeis e com pouca capacidade para suportar um extrativismo intenso.

O fato de que durante o Holoceno outros grupos ocuparam os espaços vizinhos à área demonstra que a população do continente já era densa e que se espalhava por todo o território sul-americano. A área não era mais unicamente a terra dos povos de tradição *Nordeste*, já havia uma "internacionalização" e, sem dúvida, usos e costumes sofreram modificações profundas em razão dessa coabitação. Os padrões de ocupação do espaço e o manejo dos recursos naturais se adaptaram às novas condições. O posicionamento de sítios dos povos de tradição *Nordeste* e o imbricamento com sítios de etnias pertencentes a outras tradições são uma fonte preciosa de dados para o estudo desses novos padrões.

O estudo dos registros gráficos rupestres se desenvolve conjuntamente com as pesquisas feitas em outras áreas da pré-história. Assim, todas as conclusões que podem ser obtidas e as sínteses preliminares que são propostas resultam de um trabalho conjunto, em que os dados interdisciplinares servem para confirmar ou refutar as distintas hipóteses que são levantadas a partir das análises dos painéis de pintura. Até hoje os trabalhos de pesquisa se concentraram particularmente sobre os registros gráficos picturais, devido ao valor que os temas reconhecíveis tinham para o trabalho de antropologia pré-histórica. Mas daqui para o futuro as pesquisas vão se orientar para outros

registros, as gravuras, pois já se dispõe de um referencial gráfico claramente identificado e associado aos outros dados arqueológicos.

Existem abundantes vestígios da atividade gráfica do homem pré-histórico em todo o país, mas na região Nordeste eles aparecem em maior número e são mais diversificados. Na área arqueológica de São Raimundo Nonato esses registros foram estudados em um conjunto de mais de duzentos sítios, o que permite que se chegue a conclusões seguras.

Os povos das fases culturais Pedra Furada e Serra Talhada, da tradição *Nordeste*, são os autores das pinturas rupestres que cobrem as paredes de um grande número de sítios na área de São Raimundo Nonato, e também no Seridó e nas proximidades da cidade de Passa e Fica (Rio Grande do Norte) (Pessis, 1990). Elas são caracterizadas pela presença de grafismos reconhecíveis (figuras humanas, animais, plantas e objetos) e de grafismos puros, os quais não podem ser identificados. Essas figuras são, muitas vezes, dispostas de modo a representar ações, cujo tema é, às vezes, reconhecível (Pessis, 1987). Os grafismos que não representam elementos conhecidos do mundo sensível são nitidamente minoritários. As figuras humanas e animais aparecem em proporções iguais e são mais numerosas que as representações de objetos e de figuras fitomorfas. Algumas representações humanas são apresentadas revestidas de atributos culturais, tais como enfeites de cabeça, objetos cerimoniais nas mãos etc. As composições de grafismos representando ações ligadas seja à vida de todos os dias, seja a cerimoniais são abundantes e constituem a especificidade da tradição *Nordeste*. Quatro temas principais aparecem durante os 6 mil anos, atestados, de existência dessa tradição: dança, práticas sexuais, caça e manifestações rituais em torno de uma árvore. São também freqüentes as composições gráficas representando ações identificáveis mas cujo tema não podemos reconhecer; um exemplo desse caso é uma composição na qual várias figuras humanas aparecem dispostas umas sobre os ombros das outras, formando uma pirâmide humana, o que faz evocar uma representação acrobática. Outro tipo de composição gráfica, que se acha com freqüência em todas as subtradições da tradição *Nordeste*, é designada como composição emblemática. Trata-se de figuras dispo-



tas de maneira típica, com posturas e gestos de pouca complexidade gráfica mas que se repetem sistematicamente. Uma das composições emblemáticas dessa tradição representa duas figuras humanas colocadas costas contra costas e freqüentemente acompanhadas de um grafismo não reconhecível.

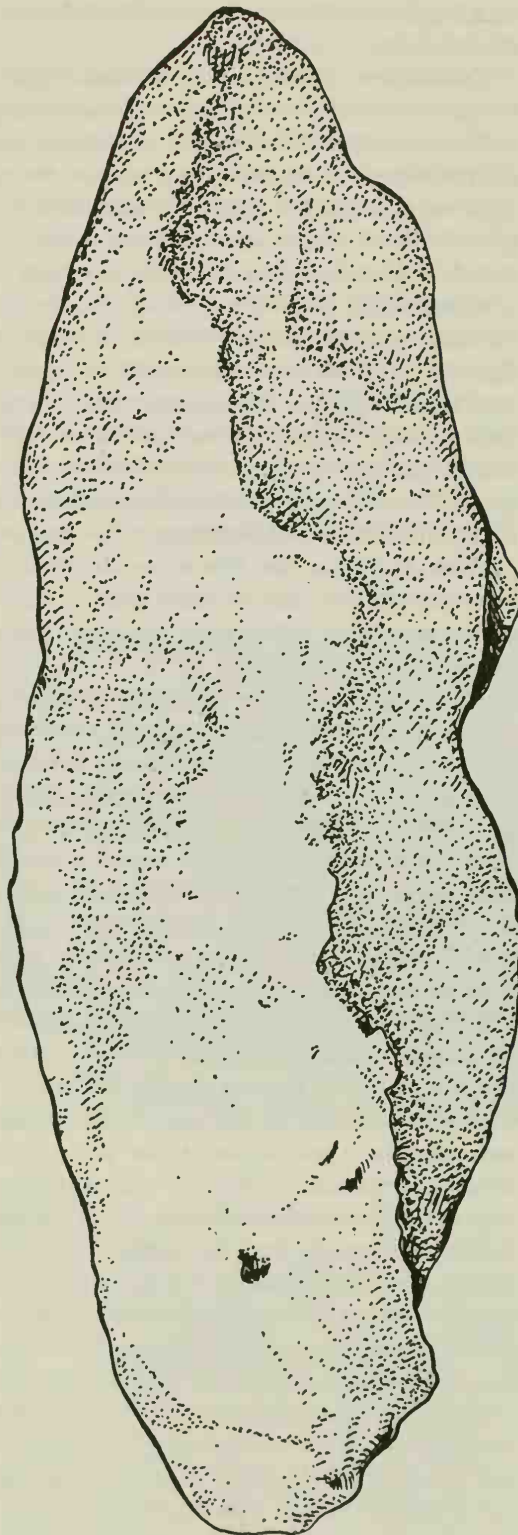
Essa tradição revela uma pintura figurativa mas não realista; a maioria das figuras é reconhecível mas representada segundo um código gráfico convencional muito afastado da realidade natural (Pessis, 1987). Ela associa a pintura figurativa a um tipo de representações gráficas — grafismos puros — que são as unidades de um código do qual somente os autores possuíam a chave. Ela existe em outros estados do Nordeste onde foi datada de 9 mil anos AP (Martin Avila, 1988), chegando, no estado do Rio Grande do Norte, até a 50 km do mar. Já foram descritos sítios com pinturas apresentando as características da tradição *Nordeste* em Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, mas seu foco de origem parece ser a área de São Raimundo Nonato, particularmente em razão de sua antigüidade, do número de sítios e da diversificação estilística.

Graças à abundância de sítios e à sua larga distribuição espacial e temporal pudemos classificá-la em subtradições e estilos. Atualmente conhecemos a subtradição *Várzea Grande*, no sudeste do Piauí (Guidon, 1984) e a subtradição *Seridó*, no Rio Grande do Norte (Martin Avila, 1988).

A subtradição *Várzea Grande*, a mais bem estudada e representada, está dividida em estilos que se sucedem no tempo: *Serra da Capivara*, o mais antigo, complexo estilístico *Serra Talhada* e *Serra Branca*, estilo final dessa subtradição na área de São Raimundo Nonato.

O estilo *Serra da Capivara* apresenta figuras cujos contornos são completamente fechados, desenhados por traços contínuos e uma boa técnica gráfica. Na maioria das vezes, sobretudo quando o tamanho o permite, as figuras são pintadas inteiramente com tinta lisa. As representações humanas são pequenas, geralmente menores que as figuras animais. Estas últimas são em geral colocadas em um local visível e dominam o conjunto das composições; a cor mais utilizada é o vermelho.

O estilo *Serra Branca* apresenta figuras humanas com uma forma muito particular do corpo, o qual foi decorado por linhas verticais



Sítio Alice Boër, camada III, nível 8 (70 a 80 cm). Raspador "lesma", tamanho natural.

ou por traçados geométricos cuidadosamente executados. Frequentemente os animais são desenhados por uma linha de contorno aberta; alguns têm o corpo preenchido por tinta lisa, mas a maioria apresenta um preenchi-



mento geométrico semelhante àquele dos seres humanos.

O complexo estilístico *Serra Talhada* é muito mais heterogêneo e possui diversas características classificatórias que nem sempre estão presentes em todos os sítios pertencentes à classe, mas quando uma falta outra está representada. A classe se caracteriza pelas séries de figuras humanas dispostas em linha e a utilização de várias cores (vermelho, branco, cinza, marrom, amarelo), sendo comuns as figuras bicromáticas ou tricromáticas. Aparecem também figuras com características gráficas muito peculiares, por exemplo figuras humanas que apresentam as extremidades exageradamente compridas; abundam também as figuras extremamente pequenas. A técnica de pintura do corpo das figuras se diferencia: além da tinta lisa e dos traçados gráficos complexos aparecem outros tipos tais como pontos ou zonas reservadas.

Os dados atualmente disponíveis permitiram propor uma explicação segundo a qual essa sucessão de estilos não representa diferentes unidades estilísticas perfeitamente distintas e segregáveis, mas sim reflete uma evolução lenta e contínua que durante cerca de 6 mil anos introduziu micromodificações no estilo básico *Serra da Capivara*. Isso levou a um desenvolvimento contínuo da subtradição *Várzea Grande*, sendo o complexo *Serra Talhada* resultado desse processo evolutivo que acumulou microdiferenças, as quais redundaram no estilo final, *Serra Branca* (Pessis, 1987).

Talvez em razão da diminuição dos recursos naturais, e pressionados por povos que mesmo tendo uma tecnologia e uma prática rupestre menos perfeitas dominavam a arte da guerra, os povos de tradição *Nordeste* abandonaram a área. Por volta de -6 mil anos desaparecem todos os vestígios desses hábeis artesãos pré-históricos. Em seu lugar, podemos propor como uma hipótese, dominam agora vários grupos, acantonados dentro de limites definidos: nas serras, nas antigas posses dos povos *Nordeste*, situam-se os povos de tradição *Agreste*; na planície pré-cambriana encontramos manifestações de um povo ligado a uma tradição que tem uma vasta distribuição geográfica em todo o Nordeste: a tradição *Itacoatiaras de Leste*; este último parece ter aí se instalado desde há mais tempo, talvez cerca de 8 mil anos. Algumas figuras pintadas em abri-

gos das três tradições acima citadas mostram que outros grupos atravessavam de maneira esporádica a região: são os grupos responsáveis pelas manifestações gráficas da tradição *Geométrica*. Outra hipótese plausível é que as manifestações rupestres das tradições *Itacoatiaras de Leste* e *Geométrica*, ligadas a indústrias de técnica semelhante, mesmo se existem diferenças morfológicas entre os tipos presentes, são o testemunho de situações distintas na vida de uma única sociedade. Nesse caso as diferenças verificadas no complexo técnico seriam o resultado de diferenças funcionais entre os sítios. Somente a realização de escavações extensivas poderá testar essas hipóteses.

A fase *cultural Agreste* tem uma indústria lítica de má qualidade técnica; o sílex deixa de ser tão abundante e volta-se a utilizar, em grande escala, os seixos de quartzo e de quartzito que se encontram facilmente em torno dos sítios. O retoque é raro e de má qualidade; predominam as ferramentas de tipo *chopper* e *chopping-tools* e as lascas sem retoques; os raspadores laterais completam a coleção.

Pessis (1990) fornece uma descrição das pinturas dessa fase:

“Os povos de tradição *Agreste* deixaram inúmeros testemunhos gráficos nas paredes rochosas dos abrigos do Nordeste. Essa tradição de pintura se caracteriza pela predominância de grafismos reconhecíveis, particularmente da classe das figuras humanas, sendo raros os animais. Nunca aparecem representações de objetos, nem de figuras fitomorfas. Os grafismos representando ações são raros e retratam unicamente caçadas. Ao contrário da tradição *Nordeste* as figuras são representadas paradas: não há nem movimento nem dinamismo. Os grafismos puros, muito mais abundantes que na tradição *Nordeste*, apresentam uma morfologia bem diferente e diversificada.

Com frequência as figuras *Agreste* foram realizadas no interior de painéis *Nordeste*, o que dificultou os trabalhos analíticos na segregação das tradições. É também muito comum achar os grafismos desta tradição superpostos a grafismos de outras tradições. O estudo deste procedimento de superposição permitiu identificar a existência de um critério de escolha do espaço pictorial que é próprio da tradição *Agreste* quando ela partilha um espaço material com a tradição *Nordeste*. A técnica de desenho e de pintura é de má qualidade, os de-

senhos são canhestros e não permitem, na maioria dos casos, a identificação das espécies animais. O tratamento da figura é limitado e de péssima feição.

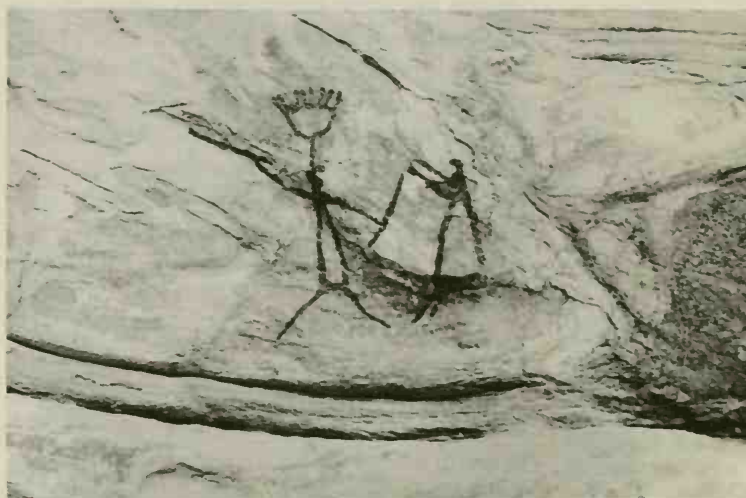
A repartição espacial da tradição *Agreste* é, grosso modo, a mesma da tradição *Nordeste*. Entretanto há regiões do norte e do centro do Piauí e do sudoeste de Pernambuco (Aguiar, 1982) onde aparecem sítios com pinturas de tradição *Agreste* e onde nunca se encontram pinturas *Nordeste*. Trata-se de uma tradição gráfica que tem sido ainda pouco estudada, em particular nesta região, devido ao escasso caráter narrativo das composições gráficas comparadas às da tradição *Nordeste*. Este fator constitui um traço de grande importância para as reconstituições pré-históricas.

Na área arqueológica de São Raimundo Nonato, a tradição *Agreste* apresenta diversidades estilísticas manifestas que levaram, numa primeira instância analítica, à proposição de subclasses para esta região. Os estudos sobre esta tradição são porém ainda pouco desenvolvidos para que se possa ser mais preciso. Podemos entretanto afirmar a existência de duas modalidades estilísticas que variam tanto na técnica utilizada como nas temáticas graficamente representadas. Uma classe incluiria as pinturas cujas características são as típicas da classe, feitas de maneira grosseira, de grande tamanho, sem preocupação com a delimitação da figura, e com um preenchimento realizado de maneira negligente mas cobrindo extensas superfícies. Outra modalidade da tradição *Agreste* que poderia constituir outra classe incluiria as figuras que são de menor tamanho — mas sempre maiores que as da tradição *Nordeste* —, feitas com maior cuidado, com um preenchimento mais controlado e cuja tinta escorreu menos. Esta última, segundo os dados disponíveis, seria a mais antiga.

Porém as manifestações gráficas de *Agreste* coexistem com *Nordeste* no mínimo desde há —10 mil anos. A evolução destas duas tradições apresenta algumas similitudes. No painel enterrado, achado no sítio Toca do Perna I, existem certas figuras humanas que apresentam uma morfologia que contrasta, nitidamente, com as figuras humanas próprias de *Nordeste*. São de maior tamanho, e estão realizadas com uma técnica de realização diferente das de *Nordeste*. O preenchimento é muito abundante e de uma tonalidade de vermelho

extremamente escura. A observação desse painel coberto pelos sedimentos mostra que as figuras *Nordeste* são de tamanho pequeno, próprio das figuras humanas do estilo mais antigo da tradição (*Serra da Capivara*). Em outros sítios *Nordeste*, com figuras apresentando características estilísticas mais próximas ao estilo final, *Serra Branca*, as figuras da tradição *Nordeste* são maiores, e as de *Agreste* que aparecem nos mesmos sítios são ainda maiores, com um preenchimento sempre em vermelho muito escuro, e com características técnicas cada vez menos cuidadas. Portanto pode-se afirmar que ao maior tamanho de figuras *Nordeste* corresponde maior tamanho de desenhos *Agreste*. Este fenômeno se constata unicamente para a área arqueológica de São Raimundo Nonato”.

Sítio arqueológico Xique-Xique I, localizado em Carnaúba dos Dantas, RN.



Não se conhece até agora o foco de origem da tradição. No sudeste do estado do Piauí ela se encontra associada a uma indústria lítica mais grosseira, de técnica pouco aprimorada e que utiliza como matéria-prima, principalmente, quartzo e quartzito. Mas essa indústria lítica é posterior à dos povos autores da tradição *Nordeste*. Isso significa que existe uma tecnologia lítica própria de um dos grupos estilísticos identificados dentro da tradição *Agreste*, mas para o outro, o mais antigo, não foi identificada nenhuma técnica lítica característica.

Na zona de São Raimundo Nonato a tradição *Agreste* é periférica e suas manifestações são limitadas entre 10 500 e 6 mil anos (Guidon, 1989); com o desaparecimento dos povos de tradição *Nordeste* ela se torna dominante e passa a ocupar a zona nuclear por volta de -5 mil anos. Parece ter desaparecido entre 4 mil e 3 mil anos AP.

Até hoje não foi realizada nenhuma escavação, unicamente algumas sondagens, em sítios pertencentes às outras tradições de registros gráficos da área de São Raimundo Nonato. Desse modo pouco se pode adiantar sobre o complexo arqueológico ao qual elas pertenceriam. Pessis (1990) fornece uma descrição sumária:

“A tradição *Geométrica* é caracterizada por pinturas que representam uma maioria de grafismos puros e algumas mãos, pés, figuras humanas e de répteis extremamente simples e esquematizadas. Esta tradição de pintura, segundo informações ainda pouco abundantes, pareceria ser originária do nordeste do estado do Piauí. É na serra de Ibiapaba, limite com o Ceará, onde existe a maior concentração até agora conhecida. O Parque Nacional de Sete Cidades é portador de sítios com pinturas pertencentes a esta tradição de pinturas. Na área de São Raimundo Nonato, esta tradição aparece isolada em um único sítio na planície pré-cambriana, mas aparece também como intrusão gráfica em outros sítios, pois alguns grafismos foram feitos sobre painéis em sítios das tradições *Nordeste* e *Agreste*. Ainda não se dispõe de dados suficientes para poder inserir esta tradição de pintura num contexto de natureza cultural. É necessário que estas pesquisas sejam realizadas nas áreas que aparentemente seriam seu foco de origem”.

Para a tradição de gravuras *Itacoatiaras de*

Leste temos resultados de prospecções e sondagens que demonstram que ela está ligada a povos caçadores-coletores. *Itacoatiaras de Leste* é uma tradição típica de todo o Nordeste brasileiro e seus painéis ornaram as margens e leitos rochosos de rios e riachos do sertão, marcando cachoeiras ou pontos nos quais a água persiste mesmo durante a época da seca.

Em síntese pode-se afirmar que o estudo dos registros gráficos rupestres confirma a evolução demonstrada pelo estudo da indústria lítica e permite que se conheçam detalhes da vida material e cerimonial dos grupos pré-históricos em questão. As primeiras manifestações gráficas abundantes, reconhecíveis e datadas (12 mil anos), pertencem à tradição *Nordeste*, e mostram uma arte muito narrativa, lúdica, que trata de temas ligados seja à vida de todos os dias, seja a atividades rituais. É uma arte alegre e livre. À medida que o grupo evolui, modifica sua tecnologia, seu padrão de ocupação do espaço e, quando a densidade de população aumenta, vemos mudar as características das manifestações gráficas, que se tornam cada vez mais formais, mais ricas, mais minuciosamente trabalhadas, dominando de maneira perfeita as técnicas de desenho e de pintura.

Quando os povos da tradição *Nordeste* atingem seu apogeu tecnológico, suas representações gráficas apresentam as primeiras cenas de violência: execuções, lutas individuais e batalhas coletivas; as cenas sexuais inicialmente simples e envolvendo duas ou três pessoas se transformam também: grupos numerosos de indivíduos de ambos os sexos praticam conjuntamente atividades sexuais. As ações de caça, que representavam a caça individual de pequenos animais, passam a representar caças coletivas com inúmeros guerreiros atacando animais perigosos, como a onça (Pessis, 1987). Quando a técnica lítica muda, por volta de -6 mil/-5 mil anos, a arte muda também: torna-se pobre, de técnica imperfeita, representando algumas figuras animais e humanas sem movimento, rígidas. Termina *Nordeste* e começa o apogeu da tradição *Agreste*, ela também muito comum no Nordeste do Brasil.

Alguns autores, entre os quais Schmitz (1987), atribuem a uma chamada tradição *Itaparica* um conjunto de indústrias líticas situadas cronologicamente entre 11 mil e 8500 anos AP e que têm uma vasta distribuição espacial.



Segundo Schmitz (op. cit.), “é caracterizada por uma economia caçadora-coletora generalizada que explorava nichos variados. Em um extremo está o cerrado, a caatinga ou a savana; no outro extremo está a floresta. Tipos de vegetação intermediários e transicionais incluem o semideserto (‘agreste’) e o cerrado denso. Foram encontradas ocupações humanas em cavernas ou abrigos em Minas Gerais, Goiás, Pernambuco e Piauí e em topos de colinas em Goiás, Bahia e Pernambuco. Alguns sítios parecem permanentes, como no sudoeste e no centro de Goiás, onde os recursos devem ter sido abundantes, mas a maioria eram acampamentos temporários”.

Segundo esse autor os mais importantes e freqüentes tipos líticos da tradição *Itaparica* são as lascas, raspadores, furadores, facas, *choppers* e percutores. As pontas de projéteis são muito raras.

Prous (1986) trata de um horizonte antigo, às vezes denominado paleoíndio, que no planalto Central e no Nordeste se caracterizaria pelo retoque unifacial de lascas de quartzito, cristal de rocha ou sílex visando a obtenção de “artefatos rústicos plano-convexos: raspadores carenados, lesmas [...]. Perto de Lagoa Santa já se encontram pontas de projétil pe-

dunculadas em cristal de rocha e machados lascados com a borda polida”.

Entre 8500 e 6500 anos se situaria, segundo Schmitz (op. cit.), o período de transição. Durante essa época teria aumentado o consumo de frutos e de moluscos terrestres, tendo “declinado a caça generalizada. Simultaneamente, os instrumentos bem constituídos do período anterior foram substituídos por implementos menores e menos elaborados produzidos por uma técnica diferente. Conchas e ossos se tornam matérias-primas importantes. Sítios abertos não eram ocupados em Goiás, embora seu uso continuasse em Pernambuco e na Bahia” (Schmitz, 1980).

Segundo o mesmo autor essa situação se repete em Minas Gerais (Prous, 1981b; Prous et alii, 1984; Dias, 1981c). Pontas foliáceas bifaciais, em quartzito cristalino, aparecem em Pernambuco, mas em pequena escala, ao contrário do que acontece em São Paulo e Minas Gerais.

Prous (1986) classifica como Arcaico mais recente o período após 7 mil anos, e o caracteriza pelo abandono quase total do retoque da pedra, utilizada então sob a forma de lascas brutas. Aparece uma indústria que usa conchas como matéria-prima e constrói caba-



Raspadores longos, característicos da tradição *Itaparica*, de populações que ocupavam áreas de cerrado no centro do Brasil, entre 9 mil e 6500 anos.



Restos de cinco indivíduos da raça de Lagoa Santa, Cemitério de Santana do Riacho (entre 8000 e 8500 AP). Os corpos mais recentes perturbaram os enterramentos mais antigos.

nas. Segundo esse autor, por volta de 4 mil anos AP o milho já era cultivado. Em Minas Gerais nessa época existiriam duas tradições de pinturas: a *Nordeste* (com as mesmas características com que aparece no Piauí) e a *Planalto*. Esta última é caracterizada por “um predomínio de animais monocromáticos, geralmente cervídeos, e menos freqüentemente peixes, pássaros, tatus e tamanduás, cuja freqüência varia segundo as regiões e os períodos”.

Algumas pinturas teriam mais de 7 mil anos. Ao fim desse período apareceria no vale do rio São Francisco uma tradição de pinturas de mesmo nome (que nos parece aparentada à tradição *Geométrica* do Piauí) na qual “os seres vivos estão quase completamente ausentes, ao mesmo tempo que os signos geométricos mono ou policromáticos recobrem a parte inferior dos abrigos. Essa tradição se prolonga até o período ceramista, no curso da qual os signos se tornam espetaculares”.

Uma tendência é portanto nítida: a uma indústria lítica de bela técnica, uso maior do retoque e com grande variedade tipológica sucede um complexo técnico menos avançado tecnicamente e mais restrito.

O HOLOCENO NO SUL

Nos estados do Sul a tradição mais antiga (entre 13 mil e 8500 anos AP) é a que Miller (1976a, b) definiu graças aos trabalhos que desenvolveu na bacia do rio Uruguai. O material lítico mostra duas tendências, definidas como fases pelo autor. Em dois sítios ele encontrou material lítico que catalogou como fase



Ibicuí: artefatos pouco elaborados a partir de núcleos de basalto e de plaquetas de arenito metamórfico e que mostram traços de uso. Esse material apareceu associado à megafauna fóssil. Datações ^{14}C situam cronologicamente essa fase: 12 700-12 690 anos AP.

Pequenas pontas de projétil pedunculadas e artefatos lascados e retocados (facas bifaciais, raspadores terminais e laterais e bifaces lanceoladas) encontrados em dezesseis sítios localizados na barranca do rio *Uruguai* constituem a fase *Uruguai*, com datações ^{14}C que vão de 11 555 a 8640 anos AP.

Entre 8500 e 6500 anos AP existiriam alguns sítios em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul (Rohr, 1966; Miller, 1969a; Schmitz, 1985) com equipamento lítico diferenciado do anterior. No Paraná, Chmyz (1978; 1979; 1980; 1981a, b; 1982) estabeleceu a fase *Vinitu* com um complexo lítico composto de lascas, facas, raspadores, plainas, machadinhas, bifaces e pontas de flecha foliáceas ou pedunculadas.

Entre -6500 e -2000 anos, de São Paulo ao Rio Grande do Sul, aparece a tradição que alguns autores chamam de *Humaitá* (Schmitz, 1987), caracterizada pela ausência de pontas de flecha e por uma indústria composta de bifaces, *choppers* e *chopping-tools*, grandes *picks*, raspadores, furadores, ferramentas pontiagudas e lascas. Os sítios são geralmente ao ar livre, nas barrancas de grandes rios e seus tributários, raramente em abrigos. A existência em alguns sítios *Humaitá* de zoólitos (Ribeiro et alii, 1977), esculturas em forma de animais, normalmente encontradas nos sambaquis da costa sul, fez com que alguns autores presumissem que havia contato entre os povos *Humaitá* e os habitantes litorâneos. Sítios do rio Paranapanema (Morais, 1983; Vialou, 1983-4) pertenceriam (Schmitz, 1987) a essa tradição de caçadores-coletores das florestas tropicais úmidas. Em alguns sítios *Humaitá* aparecem gravuras rupestres (Brochado e Schmitz, 1976). As datas obtidas para essa tradição vão de 7020 a 1920 anos AP.

Ocupando também os estados do Sul, a tradição *Umbu*, representada em cerca de quatrocentos sítios, é caracterizada pela presença de pontas de projéteis. Em algumas áreas ela divide o território com a tradição *Humaitá*. Seus sítios, ao ar livre ou em abrigos, aparecem nas bordas do planalto, mas também nos cerritos, elevações artificiais construídas

na planície. Praticavam a caça de pequenos e médios animais, coletavam tartarugas e frutos (Schorr, 1975; Schmitz, 1976). No estado de São Paulo, em sítios atribuídos por alguns autores (Schmitz, 1987) a essa tradição, foram encontrados fogões associados com lascamento de pedra e sepultamentos (Pallestrini, 1975, 1977; Pallestrini et alii, 1981-2; Moraes, 1979, 1983; Caldarelli, 1983). Essa atribuição não é aceita por todos, sendo proposta uma filiação com os grupos de Minas Gerais, também portadores de pontas. O complexo lítico é composto por machados, bolas, lascas, raras lâminas, facas bifaciais, raspadores, buris, bifaces e as pontas de flecha, triangulares ou foliáceas. Gravuras rupestres do Rio Grande do Sul estariam ligadas a essa tradição (Brochado e Schmitz, 1976; Schmitz e Brochado, 1982; Ribeiro, 1978). *Umbu*, segundo alguns autores, poderia ter derivado da fase *Uruguai*. As datas disponíveis situam a tradição entre 5950 e 290 anos AP.

O HOLOCENO NO LITORAL

Os sítios mais conhecidos do litoral são os sambaquis, colinas formadas por conchas de moluscos que foram consumidos por populações pré-históricas. Os sambaquis existem desde o litoral do Nordeste (onde são raros) até o Rio Grande do Sul. Neles são encontrados sepultamentos, restos de comida, uma indústria lítica lascada rudimentar, peças líticas polidas, além de uma abundante indústria sobre ossos, dentes e conchas. No litoral sul, de Cananéia até Torres, aparecem esculturas zoomórficas, os zoólitos (Prous e Piazza, 1977).

Em razão da subida do nível do mar, nos últimos 6 mil anos, os sambaquis mais antigos estão sob as águas; somente subsistem os sítios de menos de 6 mil anos. A bibliografia sobre esses sítios é abundante (Hurt, 1974, 1980, 1983; Prous, 1976; Prous e Piazza, 1977; Garcia, 1972; Rauth, 1967-8; Fairbridge, 1976; Hurt e Blasi, 1960; Bigarella, 1950-1; Beck, 1969; Beltrão et alii, 1978; Bryan, 1977; Emperaire e Laming, 1956; Garcia e Uchoa, 1980).

Contemporaneamente à formação dos sambaquis, a costa é ocupada pela tradição *Itaipu*, que se diferenciaria da cultura dos sambaquis pela tecnologia, padrões de subsistência e de enterramento. Os sítios se situam sobre dunas ou ficam mais afastados da costa,

na borda de mangues ou lagoas. Em vez de moluscos marinhos teria havido maior utilização de peixes, mamíferos, vegetais e moluscos de água doce. Alguns autores aventaram a hipótese de que essa tradição teria uma agricultura incipiente (Turner e Machado, 1983). A tradição *Itaipu* iria de -4 mil até -1475 anos (Perota, 1971, 1974; Carvalho, 1984; Dias, 1976-7, 1981a; Dias e Carvalho, 1983; Machado, 1983).

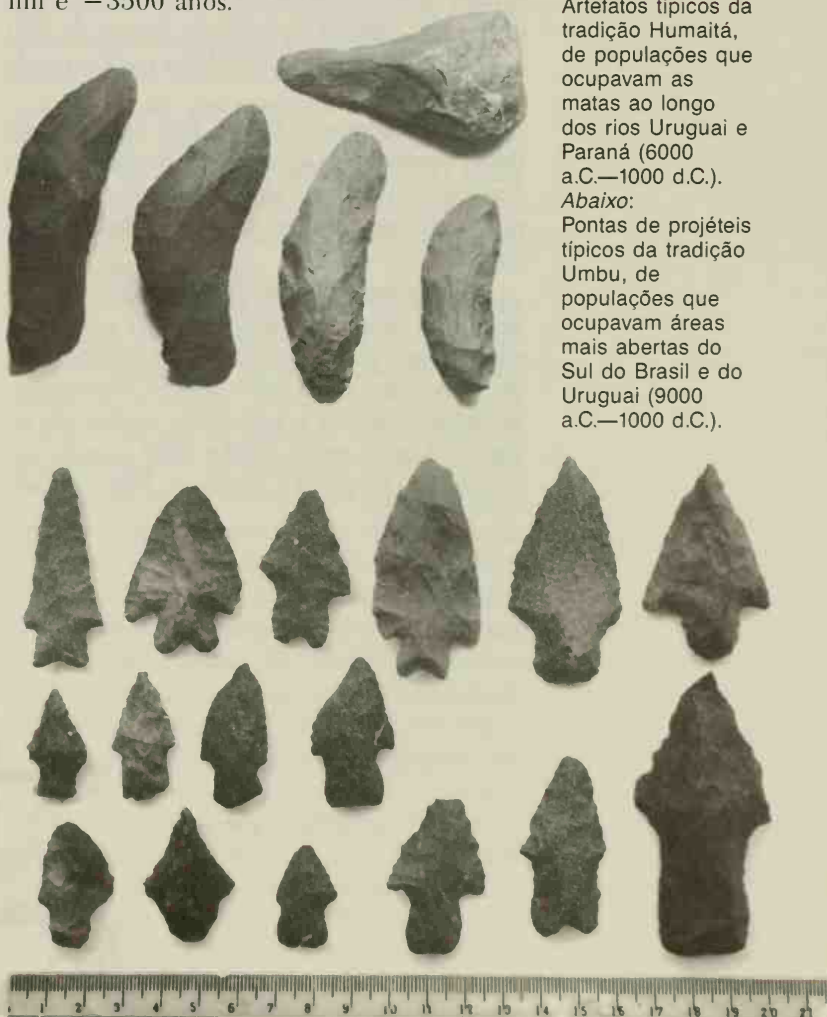
AGRICULTORES E/OU CERAMISTAS

Não existem no país trabalhos direcionados especialmente ao estudo do aparecimento da agricultura. Essa informação é sempre acessória. Na área arqueológica de São Raimundo Nonato, os primeiros indícios de cultivo de amendoim, feijão e cabaça foram datados pelo 14^{C} em 2090 anos AP. Em Minas Gerais (Dias, 1981c; Prous, 1981b) o aparecimento de plantas cultivadas seria mais antigo, entre -4 mil e -3500 anos.



Ao lado:
Artefatos típicos da tradição Humaitá, de populações que ocupavam as matas ao longo dos rios Uruguai e Paraná (6000 a.C.—1000 d.C.).

Abaixo:
Pontas de projéteis típicos da tradição Umbu, de populações que ocupavam áreas mais abertas do Sul do Brasil e do Uruguai (9000 a.C.—1000 d.C.).



Na síntese mais recente sobre a pré-história do Brasil (Prous, 1986), o aparecimento da cerâmica, fora da região amazônica, é considerado recente (as mais antigas são situadas entre -3 mil e -2 mil). As variáveis classificatórias são mal definidas e não hierarquizadas e as fases propostas não parecem corresponder a uma realidade étnica.

Segundo Prous (op. cit.) no Sul do país a cerâmica teria aparecido nos cerritos, no início de nossa era, constituiria a tradição *Taquara-Itararé*, associada às casas subterrâneas e às construções funerárias, e praticaria a agricultura. No centro do país a tradição *Una* teria aparecido desde antes de nossa era. Ela é encontrada em abrigos e praticava uma agricultura variada. O mesmo autor afirma que a partir de 500 anos AP teriam aparecido tradições tardias que não teriam eliminado os grupos "tradicionais"; essas tradições seriam a *Tupi-guarani*, que "ocupa as florestas de galeria dos baixos vales do sul do Brasil e do Paraguai e em seguida se estende, depois de 900 AP, ao longo do litoral brasileiro e até o rio da Prata ao sul".

Sempre segundo Prous, nos cerrados do Brasil central teria aparecido a tradição *Aratu-Sapucaí*, a qual teria atingido, às vezes, o litoral, onde se chocou com a tradição *Tupi-guarani*.

Na área arqueológica de São Raimundo Nonato uma datação de 3320 anos AP está associada a uma cerâmica de técnica aprimorada: paredes finas, pasta bem cozida, decorações variadas (plásticas e pintadas). Cerâmicas da região, datadas entre 1600 e 1200 anos, foram atribuídas (Meggers e Maranca, 1980) à tradi-

ção *Tupi-guarani*, mas essa classificação merece uma revisão.

É necessário que o conjunto das tradições ceramistas seja reconsiderado para que se possam estabelecer relações válidas entre esses povos e os grupos indígenas encontrados pelos colonizadores. C. A. de Oliveira (1990) faz uma excelente crítica e propõe novos rumos ao estudo da cerâmica no país, fornecendo também ampla bibliografia.

CONCLUSÕES

O Brasil foi, portanto, colonizado desde épocas bastante remotas. Todo o país já estava ocupado desde há 12 mil anos. A população era densa, pelo menos na região Nordeste, a partir de 8 mil anos.

A agricultura apareceu entre -4 mil e -3 mil, sendo praticada em todo o território nacional desde -2 mil anos, mesmo que de uma maneira restrita.

A técnica de fabricação de vasilhas em cerâmica, fora da Amazônia, parece ter sido corrente a partir de -3 mil anos, pelo menos na área arqueológica de São Raimundo Nonato, no Piauí.

Durante todo o Holoceno, grandes famílias lingüísticas deviam dominar vastas áreas, mas as guerras intertribais que antecederam a chegada do colonizador branco embaralharam a situação, tornando difícil o correlacionamento entre as culturas pré-históricas e as tribos indígenas da época do contato.

Um projeto de âmbito nacional deveria ser criado para pesquisar, de modo intensivo e estruturado, as origens pré-históricas dos grupos indígenas brasileiros.

